

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.483
Terça-feira, 25 de Setembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 113

Escasseia o pão de terceira qualidade. O ministro da Agricultura deve estar contente...

O PÃO

Está sucedendo, com o novo e odioso regime de pão, o que previamos que sucedesse. Os que nos negaram razão no momento em que oportunamente nos lançamos na luta para evitar mais uma burra, para arredar mais um assalto a bolsa magra do consumidor, outro remédio não terão agora do que torcer a orelha... e concordar connosco.

A liberdade ultrajante para o povo, que o ministro da Agricultura concedeu aos moageiros não podia conduzir-nos senão ao caminho tortuoso da fome. As moagens estão provocando propostadamente a fome — a má conselheira.

Como prevíamos o pão de terceira qualidade que desde o seu início era mau, está, presentemente, péssimo e, além do péssimo, raro. O comprador que se descuidou e não se levantou muito cedo para obtê-lo antes que se esgotasse, quer comer pão tem de alargar os cordões à bolsa e adquirir o mais fino e do mais caro. Aquilo que consegue comprar o pão escuro, de aspecto repugnante, duro como pedra, pesado como chumbo, gasta menos na padaria mas, mais dia menos dia, gastará mais na farmácia, no consultório ou no hospital.

Avistámos o sr. ministro da Agricultura, no momento em que deu à luz a belesma do decreto do novo regime cerealífero, do que se iria passar, que é, afinal, tudo o que se está passando, e aquele cavalheiro, muito senhor do seu nariz, mais optimista do que o Cándido de Voltaire, arranjava tudo, acudiria a tudo. A concorrência — em sua opinião — faria melhorar a qualidade do pão e manter baixos os seus preços — o ou piorou de qualidade e o seu preço é insuportável. Em caso de necessidade — opinava também o ingenho ministro — a Manutenção Militar meteria os moageiros e os panificadores na ordem e, afinal, vemo-lo perfeitamente à vontade roubando e envenenando, à sombra dum decreto que, se não foi premeditadamente uma cilada é, pelo menos, uma formidável aseira.

Conferência Metalúrgica

Entre os metalúrgicos, lavra grande interesse pela realização da próxima Conferência, em cujos trabalhos que serão presentes, se vê a esperança de uma mais forte e metódica organização sindical, de forma a habilitar a classe a enfrentar as responsabilidades de uma provável transformação social. Para apreciação de um programa de trabalhos que vão ser presentes à referida Conferência realiza-se uma reunião na próxima sexta-feira às 20 horas na sede do Sindicato, para a qual se convidam a assistir todos os militantes e simpatizantes da organização metalúrgica e os velhos militantes que muito deram da sua acção no antigo baluarte da classe, a extinta Confederação Metalúrgica da Traveira do Oleiro.

Grande Comissão Pró-“A Batalha”

Reúne hoje, pelas 20.30 horas, a grande comissão pró-“A Batalha”. Dada a importância do assunto, pois há a apreciar um ofício do Vitória Futebol Club de Setúbal, é conveniente a comparação de todos os componentes.

Os perigos da navegação

Um ice-berg gigantesco
NOVA-YORK, 24.—O comandante do vapor “Chio” declara que foi visto um gigantesco ice-berg com 110 pés de altura, por 260 de largura a cerca de 100 milhas de Nova Escócia.

Uma classe despresada

Como o Estado paga aos seus servidores

De Faro chamam a nossa atenção para o despesa a que é votada a classe dos cantoneiros.
Estes humildes trabalhadores têm um ordenado verdadeiramente miserável: auferem a insignificante quantia de 2800 diários!
Como pode viver nos dias de hoje uma criatura com um ordenado tão ridículo? Como pode sustentar a família com aquela insignificante quantia? Decididamente isto é escarnecer da miséria dos trabalhadores. E' condemnado a fome!
O Estado tem obrigação de remunerar convenientemente aqueles que trabalham, porque tem direito a viver.
O Estado deve pagar aos seus servidores de maneira que não sejam condenados a morrer de miséria!

O poder do ódio!

Os presos de S. Julião da Barra, alvos dum ataque desumano e duma mentirosa delação do “Correio da Manhã”—“A Capital” transcreve e aplaude clinicamente

O *Correio da Manhã* recorreu anteontem a um processo de ataque que só num adjectivo vigoroso e duro encontraria condigna classificação. Sendo os desse jornal monárquicos, de esperar seria ataques às nossas ideias, que contessamos com satisfação, são antagonistas de nós. Decerto que da nossa parte as ideias monárquicas, como todas as ideias políticas, são alvo constante de crítica acerba e leal. Mas, nunca o nosso antagonismo de ideias foi ao ponto de se dilatar até ao ódio ou a remeter para o esquecimento as noções de humanidade que sempre tivemos em elevada conta. Assim, nunca atacamos um monárquico que se encontre preso, nunca pedimos ou desejamos para ele, maiores e porfiados rigores de encarceramento.

Da mesma maneira não procedem os do *Correio da Manhã* que afirmam penitentemente existir um comité encarregado de preparar a fuga aos que se encontram em S. Julião da Barra, mercê do capricho dum vesânico chefe de governo. O mesmo jornal ao anunciar bombástica e mentirosamente o plano de fuga dos presos, declara que eles já têm em seu poder alguma ferramenta e que os soldados que fazem serviço na Torre são constantemente ameaçados, vivendo sob uma atmosfera de terror.

A planejada fuga é um bluff de mau gosto — e de péssimas intenções. E' além disso, uma leviandade e uma desumandade.

Os presos, desde que se deu a tal falada evasão, da qual eles se poderiam ter aproveitado se quizessem, vivem num regime a mais não ser, opressivo e revoltante. A sua correspondência, na sua maior parte íntima referente a particularidades das suas famílias, é rigorosamente censurada. As visitas conservam-se afastadas dos presos 7 ou 8 metros — não vão elas, nunca têm a guarda militarmente, levar os presos nas algebras.

As medidas de precaução tomadas são tão exageradas que atingem um carácter doentio, uma obsessão mania de perseguição. Os presos não podem acceitar-se das grades; as sentinela, ao mais insignificante e pacífico gesto, apontam-lhes logo, ameaçadoramente, as espingardas.

As condições de higiene persistem em ser deploráveis. Há três meses que os presos que ali se encontram, e desde então que vem reclamando tomar banho e nem essa indispensável medida higiénica ainda lhes foi autorizada.

As enxérgas de palha, estão quasi desfeitas, sem que sejam renovadas. Daí os presos, a terem, alguns d'elles, que repousar no lago frio e húmido que promete e cumpre a promessa de reumatismo para os que tem, forçadamente, de aceitar o contacto com a humidade.

As paredes, das prisões, constituem, actualmente, verdadeiros e completíssimos armazéns de imundície.

O rancho é repugnante, é um conjunto de mixórdias e putrefacções destinadas não a alimentar, mas a conduzir a intoxicações e a perigosas e até incuráveis enfermidades. Devido à falta de carvão os presos são forçados a cozinhar a lenha. E, como esta produz muito fumo e o ar parece ter receio de entrar nas prisões, o fumo conserva dentro largo tempo uma atmosfera asfuziante para os presos.

Além disso S. Julião da Barra está povoada de presos que há três meses — três meses! — anseiam saber o delicto de que os accusam. E neste longo e ilegal tempo de encarceramento ainda se não formaram os seus processos. O ódio do *Correio da Manhã*, a sua repugnante delação, repugnante e mentirosa, merecem acres e justíssimas censuras.

Tem estado, freqüentes vezes, bastantes monárquicos presos. Alguns desses presos tem planeado evasões coroadas de sucesso; evasões em que fogem não só os monárquicos presos como as sentinela encarregadas de os vigiar. Se nós, pedissemos, nessa altura vinganças cruéis e fizessemos delações torpes sobre os monárquicos que ficam nos presídios donde alguns dos seus correligionários fugiram que diria o *Correio da Manhã*? Diria pela certa mais coisas e coisas piores, das que nós escrevemos.

A *Capital* faz-se eco do que diz o *Correio da Manhã* e alarga-se em patulações de efeito. Não fosse esse jornal uma folha de cotidiana imoralidade dirigida por um indivíduo — Manuel Guimarães — que dois jornalistas, proclamaram, moralmente, um desclassificado.

oradores pertencentes a federações desportivas vermelhas.

Aludindo a esse facto, “A Capital” diz que eles fizeram “largos discursos de propaganda dos nossos ideais.”

“Dos nossos ideais?” E' Estará já a porventura, bolxevista “A Capital”?

Opinião insuspeita

A propósito das medidas atinentes a assegurar a ordem pública... a desordem burguesa, para o que tem reunido várias vezes o ministério, dizia “A República” de domingo, o seguinte:

“Se a Ordem um dia for alterada, por quem tiver cabeça para o fazer, não é o governo que lhe poderá acudir.

Se puder fugir — já o favor é grande. Porque não é com os sabres da policia nem com as carabinas do exercito unicamente, que se assegura a Ordem.

A Ordem assegura-se respeitando o lei e as garantias dos cidadãos, administrando bem e procedendo com justiça.

Perseguindo e vexando adversários irritando e provocando, só se assegura a certeza da revolta.

Creia isto o governo, porque se trata de... uma verdade eterna.”

RESTAM AINDA ALGUNS BILHETES para o grande passeio a Setúbal

Um programa repleto de atractivos

Preço da ida e volta 8\$50

Escola Sindical de Belém

Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão escolar para tratar de um assunto que muito interessa a vida da escola e apreciar uma resolução do S. U. da Construção Civil, cujo secretário geral deve também comparecer, bem como todos os camaradas que fizeram parte da comissão organizadora da escola.

Devido à importância dos assuntos a resolver, não deve faltar nenhum dos convocados.

Primo de Rivera

O ditador ridiculo que subiu ao poder com fúrias de leão, continua a não fazer coisa que se veja — a não ser preparar os espiritos para uma revolução de “verdade”

Em cada soldado russo está um cosaco a dormir”. Histórica ou lendária, a sentença — que cito de memória — atribuída ao primeiro Consul, passou em julgado; e que deve estar certa garante-o a autoridade do juiz especializado na matéria.

Não é, certamente, com menos propriedade que, relativamente a Espanha, se pode aplicar este conceito: sob a farda do militar está o hábito de frade; e ainda este outro: o capuz esconde a moneta.

O frade e o toureiro são as duas personalidades características desse país semi-bárbaro, em atraso de dois séculos da civilização mundial. Que protesta contra o qualificativo aquele ancião abnegado que há cincoenta anos permanece na trincheira combatendo, rudemente, obstinadamente, incansavelmente, a reacção clerical. Hei lá! sem resultado apreciável. Reflitamos a José Naveas.

A quando do assassinato com sanção legal, pela justiça de Castela, de Francisco Ferrer y Guardia, toda a elite intelectual dos dois mundos protestou, durante o julgamento, contra a sentença prevista, em nome do direito e da justiça, junto do governo presidido pelo sinistro carrasco que dá pelo nome de António Maura.

Então, o bandido ao serviço da reacção, informou os protestantes de que o único país com direito a reclamar era a Espanha, e que a Espanha não havia formulado a sua reclamação.

Com efeito, o sinistro carrasco tinha razão. A Espanha não protestou! A Espanha ficou silenciosa; a Espanha consentiu; a Espanha foi cúmplice; a Espanha aplaudiu!

E o malfeitor gosou e continua a gosar a impunidade, porque da Itália não veio o julgador idóneo.

O Pronunciamento, agora resuscitado pelo aventureiro Primo de Rivera, deve ter obedecido a causas secretas que o tempo se encarregará de pôr a náo, não obstante, a pata da reacção aparece aí bem visível.

“Deus proteja-nos”: invocou o militar indisciplinado coberto pelo manto régio, na primeira audiência que concedeu aos directores das gazetas cotidianas — essa comunidade fradesca —.

“Deus proteja-nos”: frase que caracteriza a psicologia do povo espanhol em geral, e em particular da casta militarista.

Outra expressão do ditador contida no decreto que, rasgando a constituição espanhola, substituiu o poder executivo por um directório para exteriorizar o que se coloca por exteriorizar o seu respeito pelo rei — de rodilla en tierra — expressão tam deprimentemente cínica, reveladora do período agudo da crise do nosso tempo, atingiu a crise do amolecimento de espinha, molestia característica deste quadrumano — o cortejo — pondo em contraste flagrante o século xx com o século semi-bárbaro de Hugo Capeto. Então, a interrogação depreciativa: “¿Qui' i'a fai comete?” replicava a altivez acicatada: “¿Qui' i'a fai roñ?” — Hoje é de rodilla en tierra.

Não obstante a formal declaração do ditador, eu tenho a suspeita de que quem está, não de erodilla mas de erodilla y de calzoncillos mal olientes, é aquele “rei moderno, bravo, moço, espanhol até à medula” — segundo o cronista “pordiosero” de uma legação — pagadista, sportman, “je m'en fiche, après moi le déluge” que de um palacete, com o trono de Carlos IV, a porridão sifilítica e que o algaído em rama e o óleo de figado de bacalhau levantaram dum berço destinado a uma urna funerária — segundo o historiador.

E' preciso distinguir para não haver confusão:

A ditadura militarista de Primo de Rivera nada, absolutamente, tem de comum com o fascismo italiano.

Este é uma bebedeira de álcool “chauvinista” que termina no dia em que a pistola de Angiolillo liquidou o chefe; tarado, megalomano, acicatado pelo delírio da culminância, mais inteligente, erudito e... cidadão.

O fascismo italiano tem algo de parentesco com o nosso dezembro, que liquidou na gare do Rossio.

A ditadura espanhola, de Janus por que bifronte, é um episódio supinamente estúpido e estupidamente bestial, engendrada na caserna, produto da cópula do hisopo armado em ponta e moia e da espada mergulhada no baptistério.

E' um edificio aligerado em lama, que os próprios obreiros se encarregam de destruir sem necessidade do camarelo revolucionário, arrastando o regime na derrocada.

E' um pequeno compasso de espera, sendo um poderoso auxiliar da Revolução Social cuja marcha veio impulsionar, porque despertou a energia dos povos subjugados, durante séculos, ao domínio de Castela, anciosos pela sua emancipação política local, que a bestial ditadura ameaça esmagar de vez.

A Revolução está em marcha, e os obstáculos que no seu caminho se levantam, em vez de o deterem precipitam o seu “desideratum”.

Proletários de todo o mundo! seriedade e união!

E' o próprio inimigo que se encarregou de solucionar o grande problema!

URSUS.

PELO TELÉGRAFO

Uma atitude altiva

MADRID, 23.—Chegou a esta cidade um membro da comissão do apuramento das responsabilidades que declarou aos jornalistas que veio a capital porque estava marcada uma reunião da comissão para elaborar o seu relatório. Esse membro que é o deputado Fernandez Gimenez disse que tendo encontrado tudo resolvido pelo Directório não está contudo disposto a calar-se nem a ficar inactivo o que redigirá o relatório que é a acusação formal de todos os culpados a quem o Directório tem obrigação de castigar.

Contra a supressão do júri

MADRID, 24.—Prepara-se uma manifestação de protesto contra a supressão do júri nas audiências dos tribunais civis e militares.

O que diz a imprensa portuguesa

Raros são os momentos em que certa imprensa se permite dizer verdades completas. A ditadura militar, insuportavelmente tirânica, estupidamente óptica, provocando a certos jornais portugueses, principalmente os republicanos, palavras de revolta contra a tirania e a favor da liberdade.

De *A Montanha*, do Pórtio, de 22 do corrente, transcrevemos alguns trechos do seu editorial que damos aos nossos leitores para saborear:

“Primo de Rivera armou em teso, tal e qual como o nosso saudoso e chorado Sidónio, que a seu lado, de início, teve os que queriam fugir à guerra.

Primo de Rivera, assim, teso, fero e de marvólicas indolências, cercou-se de não menos marvólicas e tesos cabos de guerra, e, formando um directório, está salvando a Espanha, ao que parece, com muito apuramento de Afonso XIII, que, no final, é quem hade pagar as diferenças.

E procurando dominar tudo e todos pelo terror, despoticamente, amesacando, difamação, elogio, finalmente, é imperador absoluto de todas as Espanhas.

A lei é ele. A liberdade depende d'ele. Quem não fôr por ele, pode emigrar. Se ele estiver pelos ajustes, porque, por exemplo, aos jornalistas, é defeso sair do território espanhol.

Enfim, a Espanha há de ser feliz à força queira quer não queira.

E, como cá aconteceu no período misérial e criminoso da usurpação dezembrista, os reacçãoários, os maus e os analfabetos — estes que a Sidónio deram meio milhão de votos — estão alancando as virtudes e tesura de Primo de Rivera criando-lhe mais ânimo e convencendo-o de que está fazendo um figurão.”

Julgamento e absolvição dum jornalista

PONTEVEDRA, 24.—No tribunal da Relação desta provincia teve lugar o julgamento do chefe da redacção do jornal *El Tea* de Puenteareas, Saturnino Pinheiro. Este era acusado dum delito de imprensa contra o conde Bugallal na ocasião em que este era presidente da câmara dos deputados. O acusado declarou que os artigos se inspiravam no ambiente popular agrário que abominava a tirania dos caciques e a policia de dentes, que na provincia exercia o Bugallal. O tribunal absolveu o reu, causando o facto boa impressão no público.

Amor à verdade

Escreve-nos Daniel Severino, acusado de ter liquidado a tiro o delator António Duarte, para que tornemos público que entre os indivíduos que o agrediram no governo civil não se encontrava o agente Guilherme Amado, como por lapso se disse. Isto se diz por amor à verdade.

Os mixordeiros

Além da sua pavorosa carestia, os géneros alimentícios ainda apresentam quasi sempre a inconveniência de serem vendidos falsificados ou deteriorados.

Nem o leite está isento dessa tremenda patifaria! Embora se destine na maior parte dos casos a crianças ou a doentes, raríssimo é poder adquiri-lo no seu estado de pureza.

Agora mesmo nos contámos que, a uma taberna da travessa do Rosário, há todas as manhãs um vendedor ambulante deitar em três ou quatro litros de leite um litro de água. “São mais quinze tostões”, respondeu o homem, quando o nosso informador lhe expôbrou o facto.

Esta resposta traduz muita inconsciência ou completa ausência de escrúpulos.

Que fazem afinal os inúmeros fiscaes do ministério da Agricultura?

MALAS POSTAIS

Hoje são expedidas malas postais pelo vapor “Lutélia” para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires pelo “Bolama” para Cabo Verde, Bissau e Bolama, sendo a última tiragem da caixa geral, para o primeiro às 7 horas e para o segundo às 14, fechando para este os registos ao meio dia.

Livros e autores

“Fogo Sagrado”, versos por Garcia Pulido — “Audácia dum tímido”, novela por Mário Domingues — “Preto e Branco” e “Rainha sem nome”, novelas por Reinaldo Ferreira

Só hoje me foi possível fazer a leitura serena do livro de versos do sr. Garcia Pulido, poeta já me conhecido através de alguns trechos curiosos publicados em revistas e jornais e por exaltadas referências de companheiros seus de Coimbra.

Chama-se “Fogo Sagrado”, o livro que acabo de ler e, em verdade, o nome é bem simbólico, porque, nesses versos, de quando em quando, senti como que o crepitante daquela invisível chama onde se tempera e afina a alma das predestinadamente artistas. Posa em todas as páginas a rajada doentia, algumas vezes mórbida, quasi sempre triste, dum poeta estranho que na renúncia encontra o seu mais elegante orgulho; e a sua inspiração é a sua técnica, orientada em finos moldes do mais puro romantismo, embora não sejam do mais moderno que actualmente corre em literatura, provam, exuberantemente, que todos os processos literários são bons desde que sejam movidos por um espirito inteligente e acompanhados por uma delicada emoção ou ideal artístico.

O sr. Garcia Pulido não pretende fazer filosofia, nem definir um pensamento social, apenas filiando a sua maneira na escola política dos que fazem arte pela arte. Devemos reconhecer que venceu no seu intento, mostrando-se homem de letras experimentado e no segredo daquelas leis estéticas sobre ritmo, cor e musicalidade das rimas, tudo isto concorrendo para que o seu livro fique a par dos melhores que os poetas novos ultimamente tem publicado.

Deveria, talvez, conversar um pouco com o poeta para nesta altura lhe dizer que a nota insistentemente pessimista e melancólica dos seus versos me pareceu demasiada, e que na vida há, actualmente, motivos, aspectos, dramas, vibrações que criam novos horizontes à arte e que solicitam aos poetas, com alma, alguma coisa mais do que a lendária tristeza que vestiu de seda negra esses indivíduos principis do Tédio, que foram António Nobre e José Durão.

Deveria discorrer um pouco sobre este tema mas não o farei, porque o sr. Garcia Pulido tem a consciência nítida a joia que é a sua época e a sua obra e, tam bem como eu, poderá fazer sobre o próprio aqueles reparos criticos.

Repto, trata-se dum belo livro onde há coisas lindas, como “O Poema da Treva” de que transcrevo os seguintes versos para regalo do leitor:

Bem ditto o que sofrer afrontas sem repar
E aos inimigos der o seu carinho raro.
Bem ditto o que sentir a dor do vagabundo
Viv' alma dos raios ao vento, ao desman-
parro,
Quando por seu melo mal de todo o mundo.

Um dia chegará a formidável hora,
Será noite densa, doutros eterna aurora,
O dia da pobreza, o dia da humildade,
O dia de quem sofre, o dia de quem chora
Na exaltação divina da verdade.

Para as edições “Delta” — também Reynaldo Ferreira escreveu duas novelas, uma intitulada *A rainha sem nome*, outra *Preto e Branco*, género ligeiro, interessante, polvilhado de infinita audácia e improviso.

Claro que tratando-se duma leitura popular, caracterizada bem novelesca, com todos os algarões e trus do género, Reynaldo Ferreira não faz nestas pequenas obras — porque não quer fazer — primores literários da mais elevada concepção. Mas o que ele faz, e como ninguém, é com um certo valor artístico. É a novela interessante com essa ponta de escândalo, de estranho, que obriga o leitor a ler nervosamente, interessado pelo romance decadente que o autor teceu evocando figuras e motivos dessa Europa exausta e civilizada, ainda mais requintada e perversa através da sua sensibilidade e fantástica e fértilíssima imaginação.

Preto e Branco — história dum negro chic que passou a ser claro — e *A rainha sem nome* — aventura dum príncipe que foi amante dum diplomata estrangeiro — são duas novelas curiosas, despretensiosamente interessantes.

Reynaldo Ferreira — todos o sabem — é um novo escritor e jornalista de muito merecimento.

Juliano QUINTINHA

As reclamações dos ferroviários

Realiza-se hoje no Barreiro uma reunião magna dos ferroviários do Sul e Sueste

Um despeitado e rancoroso indivíduo, que conseguiu rodear-se dum certa quadrilha para atrair os ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro, vem de há tempos provocando a legítima organização ferroviária daquelas linhas do Estado, procurando os mais baixos e indignos meios para conseguir os seus ambiciosos fins.

Essa repulente criatura chegou ao ponto de denunciar às autoridades determinadas ferroviários para que estas exerçam sobre eles todas as violências possíveis, chegando ao descaramento maudido de o dizer publicamente num manifesto que fez distribuir, como que a ardendo os seus servigos de espíão, talvez um papel repugnante que ele se orgulha em desempenhar e que lhe deve estar a carácter.

O subajo anda feito com a policia e esta presta-lhe todos os servigos de que necessita. E assim, para fazer a distribuição dos citados manifestos, — tam seguro está da simpatia que goza entre os ferroviários do Sul e Sueste, — faz-se acompanhar, ele ou os da sua laia, por agentes da policia nas suas viagens, aos quais são entregues passes, como succede autotem no comboio 3 para Beja.

Diz o desorientado imbecil no tal manifesto que “elementos dissolventes pretendem levar a efeito uma greve de carácter revolucionário e demolir das instituições” mas para evitar esse movimento organizou “o comité central secreto” contra a greve e os comités locais secretos contra a greve, acrescentando que “a defesa justa contra a infâmia será feita até à sufocação e sem piedade”.

Estes ditos do ambicioso indivíduo, rodeado da sua quadrilha, são uma provocação à inextinguível paciência dos ferroviários e não é para admirar que disto resultem consequências que não são para desejar.

Nem entanto as autoridades vão alimentando as provocações, prestando todos os auxílios aos provocadores, colocando-se assim numa situação de ins-
tigadores de qualquer facto anormal que possa suceder.

De há muito que está insofismávelmente demonstrado quem são as entidades que representam de facto os ferroviários do Estado. Hoje mesmo o representante do governador civil deve ter ocasião de o verificar, pois que vai assistir à reunião que se efectua no Barreiro. Se há intrusos que pretendem imiscuir-se em assuntos que não lhe dizem respeito, isso só revela os instintos ambiciosos de criaturas despeitadas e rancorosas.

Não é para estranhar, pois, que as perseguições se tivessem já iniciado contra elementos ferroviários, porquanto, a apontar as vítimas às autoridades, já está vigilante o citado espíão, acotado da sua quadrilha, na ânsia de prestar servigos e conseguir talvez alguma situação a que a sua desmedida ambição aspira.

Destas repulentes criaturas é que servem às autoridades, e assim se forjam os chamados “agitadores” e elementos de desordem” que não existiriam se não escuro não medrassem indivíduos cuja missão é desmanchar o papel de esbirros e de videntes denunciando com o fim de prejudicar trabalhadores honestos que se tem sacrificado e aos seus no humanitário desejo de contribuir para a felicidade comum.

Fique-se o subajo e a quadrilha com o seu procedimento indigno e baixo, muito bem emparceirado com a policia, que a organização dos ferroviários do Estado continuará mantendo a sua linha de conduta, seguindo impávida e firme na conquista das suas reivindicações.

Nota Officlosa

Os representantes dos ferroviários do Estado tiveram anteontem uma conferência com o presidente do ministério sobre os pontos das reclamações apresentadas ao ministro do Comércio em 9 de Junho, do ano corrente, e sobre as que a classe formulou sobre a Organização ultimamente publicada, em con-

Os mineiros de S. Pedro da Cova

As autoridades do Porto quiseram assustar o operariado mas não o conseguiram
Foi inaugurada mais uma cosinha comunista

PORTO, 24. — Desta vez não foi o ódio abade de S. Pedro da Cova quem maquinou surranteiramente para que a manifestação e a solidariedade dos mineiros resultassem num fracasso: a dissolução em óleo não pôde...

Mas o que o abade e a Companhia Carbonífera não conseguiram, tentou-o realizar o *ilustríssimo* cidadão que actualmente se encontra à frente do distrito, figura *prominentíssima* da democracia portueense...

Para o *democrata* personagem que quer, com o seu nervosismo tático autoritário, converter a cidade aos seus *credo*s políticos... de conveniências chorulas, tudo quanto diga respeito ao operariado e à organização sindicalista é um desperdício de mil demónios. Se pusesse, *bebida*, dum trago, toda a população produtora organizada...

A recepção estronhosa, fenomenal, que o povo na segunda-feira pretérita fez, às crianças vindas de S. Pedro da Cova, não soube bem aos ouvidos das autoridades superiores do burgo; aquela propaganda revolucionária que, a propósito das capangueiras industriais, fora feita na rua de Entreparedes, na frente de milhares de pessoas, não dispôs bem os espíritos dos homens que superintendem no misterioso casarão do Governo Civil. E como tudo aquilo representava uma grandiosa afronta aos chulos princípios dos orgulhosos democráticos *style* sacristia, vós de evitar que, pela segunda vez, tal acto se repetisse — para que a empresa mineira não fosse, mais uma vez posta em cheque nos seus reconhecidos brios jesuíticos, para que os exploradores da humanidade não fossem feridos nos seus castos ouvidos... de *lísticos* rapinantes...

Assim, na véspera de se ir buscar novamente mais filhos de mineiros, isto é: na quinta-feira passada, aparece na U. S. O. um guarda-cívico à procura da comissão pró-solidariedade aos mineiros de S. Pedro da Cova. Esse guarda-cívico do mando do chefe do distrito; esse guarda levava um papelucho, um *centulme* de papel escrito, fora de todas as vulgaridades oficiais, de todas as pra-

seqüência do Conselho de Administração nada ter resolvido sobre as primeiras e ter atendido apenas uma parte das segundas.

Posta a questão com toda a clareza ao presidente do ministério e demonstrado o estado de espírito em que a classe se encontra por a sua situação económica ser insustentável com os actuais vencimentos, ponto a que principalmente se não quer atender, aquela entidade declarou que o pessoal não deve considerar ainda a questão perdida, porquanto não estando em Lisboa o ministro do Comércio será em última instância a que resolverá em última instância.

Condizendo as declarações do presidente do ministério com as afirmações do ministro do Comércio anteriormente feitas, de que será ele o árbitro entre o Conselho e o pessoal, e não tendo até hoje o pessoal conseguido conferenciar com o sr. Ernesto Navarro, Administrador Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, mas unicamente com o sr. Rosa Mateus, cujas opiniões são já conhecidas, a Comissão Administrativa do Sindicato resolveu convocar o pessoal do Sul e Sueste a reunir em assembleia magna hoje, pelas 21 horas, na Casa dos Ferrovários, no Barreiro, a fim de o mesmo tomar conhecimento do estado das suas reclamações.

Também antecorreu um grupo de indivíduos procurou o presidente do Ministério a quem entregou uma nota de reclamações e informações que nada tinham com as da classe. Os mesmos distribuíram um manifesto provocador contra a classe organizada e tem de desenvolver uma acção traiçoeira e indigna, fazendo denúncias contra vários ferroviários, entregando e indicando os seus nomes à polícia, como o declararam no referido manifesto, o que mais veio irritar os ânimos agravar a situação.

As autoridades e os dirigentes estão dispensando a estes homens uma escandalosa protecção que vai até ao ponto de serem acompanhados por polícias em viagem para lhes garantirem a sua segurança, enquanto os representantes da classe são presos e vigiados pela polícia na rua e em toda a parte onde se encontram.

Foi posto em liberdade antecorreu, pelas 17 e 30 horas, o ferroviário Miguel Correia, contra o qual nada se provou das acusações que por denúncia sobre ele fizeram a propósito dum anúncio movimento revolucionário que dizem em perspectiva.

Para melhor elucidação do governo, foi ontem entregue ao presidente do Ministério uma nota que resumindo os pontos das reclamações que não foram atendidas, contém o indispensável para que a questão seja solucionada, devendo à assembleia do pessoal que se realiza hoje assistir um delegado directo do governo, nomeado por intermédio do governador civil de Lisboa, a fim de conhecer de perto da atitude da classe e da legitimidade colectiva desta comissão como única representante dos ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro. A Comissão de *démarches* dos Ferrovários do Estado.

Effectua-se hoje uma reunião magna dos ferroviários da C. P.

As comissões executiva e de melhoramento do Sindicato Ferroviário da C. P. fizeram distribuir o seguinte manifesto:

A todos os ferroviários da C. P. — Depois dos factos passados sobre as nossas reclamações, demonstrativas da falta de lealdade que há para com a classe e já narrados em manifestos, nenhum ferroviário deverá faltar à reunião magna que se realiza hoje, 25 do corrente, no Teatro Gil Vicente (à Graça) pelas 20,30 horas.

Nela se terá que analisar a forma como pretendem resolver esta questão e tomar-se-ão decisões que traduzam bem o sentir da classe em defesa da sua dignidade.

Haja, portanto, firmeza!

A BATALHA

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje às 21 horas.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariade

Reúne hoje, pelas 21 horas, com a presença de todos os componentes, para apreciar assuntos de importância.

COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira Nacional.

Para se ocupar da greve da casa C. Becadas, à Estrela, reunir-se-á na sede do Sindicato dos Operários Corticeiros do Barreiro, o Conselho Federal, conjuntamente com as direcções dos Sindicatos Corticeiros de Almada, Setúbal, Barreiro, Alhos Vedros, Belém, Aldega, Póvoa de Santa Iria e Poço do Bispo.

Foi lida uma circular dos presos por questões sociais pedindo auxílio monetário, sendo resolvido enviar-lhes 5000 e aconselhar mais uma vez os Sindicatos seus aderentes a prestar-lhes auxílios.

Lido também um ofício do ministério do Trabalho convidando a Federação a nomear um delegado a uma comissão que vai regular a distribuição de algumas facilidades ao desenvolvimento da Indústria Corticeira em Portugal; foi condicionalmente nomeado para fazer parte dessa comissão o delegado Joaquim S. Moita.

Pelas comissões administrativas desta Federação e do Sindicato de Belém, foi exposto qual a acção e orientação desenvolvida desde o início do movimento da Casa Becadas até agora por estes organismos, e alguns indivíduos, entre eles um que fazendo parte do Conselho Federal deste organismo não tem comparecido às reuniões do Conselho, sendo aqueles operários da firma Becadas e não grevistas. Foi largamente discutido o assunto por todos os delegados ao Conselho Federal e as direcções dos Sindicatos acima referidos, discussão que versou sempre de acordo com a orientação dada ao movimento e em completo desacordo com o movimento moral e materialmente até à vitória, e considerar traidores todos e quaisquer indivíduos que trabalhem com máquinas na firma Becadas enquanto o movimento não estiver solucionado pela organização.

Encerrando-se a sessão e encontrando-se na sala da Assembleia Geral a classe corticeira do Barreiro e Alhos Vedros, esperando que lhe fosse exposto por esta Federação a orientação dada ao movimento da Casa Becadas, foi nomeada a mesa e aberta a sessão.

Usaram da palavra delegados desta Federação que expuseram largamente a orientação dada ao movimento, e às resoluções da Federação. Falou a comissão dimanda de operários da firma Becadas, que discordou e condenou a greve. Concluiu a assembleia por aprovar a solidariedade aos grevistas, e concordar com a orientação dada ao movimento pela organização.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — A convite desta comissão, reuniram no sábado passado as comissões administrativas das secções sindicais desta área, estando presentes todos os seus componentes.

Lido o expediente que constava de um ofício do Sindicato da C. Civil e outro de Bucelas, foram ambos tomados em consideração.

Entrando-se na ordem dos trabalhos foi apreciada a situação interna das secções tendo sido resolvido, depois de acalorada discussão, realizar esta semana várias assembleias com o fim de levantar o moral das mesmas: Ontem já se efectuou uma nos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, às 21 horas; hoje, na C. Civil, às 20,30; amanhã, Metalúrgicos, às 20 horas.

A estas reuniões assiste um delegado da Comissão Mista de Propaganda Sindical para esse fim nomeado.

Foi também apreciada a situação da escola actualmente mantida pela secção da C. Civil, tendo-se constatado que a mesma não pode continuar a manter a escola, pelo que foi resolvido que a escola passasse a ser mantida de futuro por todas as secções sindicais desta área, passando a escola a ser dirigida pela Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.

Além disto foram tratados diversos assuntos de carácter administrativo.

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo, demonstrando todos os presentes uma grande vontade pelo robustecimento da organização local.

CONVOCAÇÕES

S. U. Metalúrgico. — Depois de amanhã, quinta-feira, às 20 horas, realiza-se a assembleia geral extraordinária com o seguinte ordem de trabalhos: Leitura do balancete do 2.º trimestre; nomeação de cargos vagos; apreciação de uma resolução do Conselho Confederal sobre a pensão à mãe de um sindicato falecido; aclaração e apreciação de diversos factos e orientação da classe no último movimento do pão, e diversos assuntos que se prendem com a situação económica da classe e do seu organismo.

S. U. do Construção Civil. — Conselho técnico. — São convidados a comparecer hoje neste Conselho, pelas 12 horas, os camaradas delegados estuadores, para um assunto de urgência.

Secção do Alto do Pina. — Reúne na próxima quinta-feira, pelas 20,30 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos importantes. Nesta reunião faz-se representar o S. U. da Construção Civil.

Pessoal técnico jornalista do Município. — Para continuação dos trabalhos da sessão anterior, reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

As «matinées» aos domingos

Nota officiosa da A. T. T.

A direcção da Associação de Classe dos trabalhadores de Teatro constante do-lhe que se pretendem realizar *matinées* aos domingos, resolvem não se autorizar, desde que elas não sejam de carácter benéfico cumprindo assim, o que está estabelecido na lei do descanso semanal.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

As «matinées» aos domingos

Nota officiosa da A. T. T.

A direcção da Associação de Classe dos trabalhadores de Teatro constante do-lhe que se pretendem realizar *matinées* aos domingos, resolvem não se autorizar, desde que elas não sejam de carácter benéfico cumprindo assim, o que está estabelecido na lei do descanso semanal.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

As «matinées» aos domingos

Nota officiosa da A. T. T.

A direcção da Associação de Classe dos trabalhadores de Teatro constante do-lhe que se pretendem realizar *matinées* aos domingos, resolvem não se autorizar, desde que elas não sejam de carácter benéfico cumprindo assim, o que está estabelecido na lei do descanso semanal.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

As «matinées» aos domingos

Nota officiosa da A. T. T.

A direcção da Associação de Classe dos trabalhadores de Teatro constante do-lhe que se pretendem realizar *matinées* aos domingos, resolvem não se autorizar, desde que elas não sejam de carácter benéfico cumprindo assim, o que está estabelecido na lei do descanso semanal.

Teatro Maria Vitória

— HOJE —

Estreia da Companhia infantil LUZO-BRAZILEIRA da qual faz parte o actor liliputiano CAMPINHOS que tem 30 anos de idade e 1,10 de altura.

A 1.ª representação da revista

ANO NOVO

Classe que reclamam

O PESSOAL DOS ARSENAIS E DA CORDOARIA

numa imponente assembleia magna, realizada no domingo para tratar das suas reclamações em trânsito deliberou conservar-se em sessão permanente

Como tínhamos noticiado, reuniram antecorreu no teatro Gil Vicente, em sessão magna, os operários dos Arsenais do Exército e da Marinha e da Cordoaria Nacional, a fim de apreciar as «démarches» das respectivas comissões de melhoramentos sobre melhoria de situação.

Afluência de arsenalistas foi imensa, estando o vasto salão de espectáculos, corredores e escadaria literalmente apinhados, iniciando-se os trabalhos às 11 horas sob a presidência de Luís Rezende, como representante do pessoal do Arsenal do Exército, secretário por José Simões, do Arsenal da Marinha, e Manuel Pôrto, da Cordoaria Nacional.

Usou em primeiro lugar da palavra Abílio Alves, que, em nome das comissões de melhoramentos, relatou os trabalhos realizados para se obter a melhoria de salários, seguindo-se o Armandinho da Silva que apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«O Pessoal dos Arsenais do Exército e Marinha e Fábrica Nacional de Cordoaria, reunidos em assembleia magna para apreciar o estado das reclamações que há mais de 5 meses vem fazendo sobre melhoria de vencimentos, constatando que por parte do governo ou seus mandatários se vem desenvolvendo uma série de perseguições para com alguns elementos da organização operária, o que se prova com os presos de S. Julião da Barra que se encontram detidos há quase 90 dias, contra as prescrições das leis da república; Considerando estas detenças arbitrárias e injustificáveis mormente a do nosso prestimoso camarada Miguel Correia, militante que à organização operária tem dado o melhor do seu esforço e inteligência, especialmente para o engrandecimento e prestígio dos Ferrovários do Sul e Sueste;

A assembleia resolve: protestar contra a continuação da detenção dos camaradas referidos e enviar a Miguel Correia a sentida manifestação de revolta pela sua prisão, notificando-lhe mais, os sinceros protestos da sua muita consideração e estima».

Julio Luis expôs os esforços empregados pelas comissões junto das entidades oficiais, incitando a assistência a afirmar mais uma vez a sua coesão e energia até ao conseguimento da melhoria de salários, pois embora os ministros da guerra e da marinha tenham reconhecido a justiça das reclamações e prometido por mais duas vezes atendê-las, o certo é que o assunto tem vindo a protestar-se indefinidamente, de modo que o operário mais bem pago ganha 11\$10 diários e a maioria 10\$10.

Generaliza-se depois a discussão sobre as penosas condições pecuniárias e de trabalho dos arsenalistas, tendo usado da palavra entre outros José Lourenço, Manuel Gonçalves, José de Almeida, José Tavares dos Santos, António Alves, Francisco Cordeiro, Carlos Freire e Alberto Baptista, que lamentaram não terem ainda os governantes achado tempo de satisfazer as reclamações em trânsito, apesar das comissões de melhoramentos terem demonstrado numa bem elaborada estatística, que os vencimentos que solicitavam eram apenas 14 vezes mais do que os de 1914, ao passo que o custo da vida tinha subido, desde a mesma data, mais de 30 vezes.

Por proposta de Joaquim Ferreira, é aprovado telegrafar-se aos ministros da Guerra, Marinha e Finanças fazendo-lhes sentir o descontentamento da classe por ainda não terem atendido as suas justas pretensões.

Em seguida é aprovada a seguinte moção de Manuel Tomás Marques: «Considerando que, das declarações feitas pelas comissões de melhoramentos, se deduz que, muito embora as nossas reclamações não tenham ainda sido solucionadas, como seria seu desejo e das classes que representam, tem no entanto, até à data, encontrado boa vontade da parte dos ministros respectivamente em resolver o assunto, ao que se tem anteposto a questão financeira que, presentemente, preocupa o governo;

«Considerando também que se reconhece que qualquer atitude anormal, levada a efeito presentemente pelo pessoal dos dois estabelecimentos, seria imprudente, por ir até certo ponto modificar a atitude que da parte dos ministros se tem manifestado;

Mas, considerando ainda que só agora o governo declara não ter numerário para atender as suas necessidades, quando se trata dos arsenalistas, facto que não se constatou com o funcionalismo civil e militar;

O pessoal, aqui reunido em assembleia magna, resolve:

1.º Confiar no prosseguimento das «démarches» a efectuar pelas comissões de melhoramentos e corpos gerentes dos dois sindicatos;

2.º Conservar-se em sessão permanente nos respectivos sindicatos, estabelecendo-se o mais estreito entendimento entre os seus corpos gerentes, até que as reclamações sejam atendidas ou os mesmos corpos gerentes indiquem qual a atitude que as classes devem tomar.»

Por último aprovou-se um agradeci-

TEATRO APOLO

HOJE

O lindo, emocionante e bucólico drama português

As Pupilas do Senhor Reitor

Classe que reclamam

O PESSOAL DOS ARSENAIS E DA CORDOARIA

numa imponente assembleia magna, realizada no domingo para tratar das suas reclamações em trânsito deliberou conservar-se em sessão permanente

Como tínhamos noticiado, reuniram antecorreu no teatro Gil Vicente, em sessão magna, os operários dos Arsenais do Exército e da Marinha e da Cordoaria Nacional, a fim de apreciar as «démarches» das respectivas comissões de melhoramentos sobre melhoria de situação.

Afluência de arsenalistas foi imensa, estando o vasto salão de espectáculos, corredores e escadaria literalmente apinhados, iniciando-se os trabalhos às 11 horas sob a presidência de Luís Rezende, como representante do pessoal do Arsenal do Exército, secretário por José Simões, do Arsenal da Marinha, e Manuel Pôrto, da Cordoaria Nacional.

Usou em primeiro lugar da palavra Abílio Alves, que, em nome das comissões de melhoramentos, relatou os trabalhos realizados para se obter a melhoria de salários, seguindo-se o Armandinho da Silva que apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«O Pessoal dos Arsenais do Exército e Marinha e Fábrica Nacional de Cordoaria, reunidos em assembleia magna para apreciar o estado das reclamações que há mais de 5 meses vem fazendo sobre melhoria de vencimentos, constatando que por parte do governo ou seus mandatários se vem desenvolvendo uma série de perseguições para com alguns elementos da organização operária, o que se prova com os presos de S. Julião da Barra que se encontram detidos há quase 90 dias, contra as prescrições das leis da república; Considerando estas detenças arbitrárias e injustificáveis mormente a do nosso prestimoso camarada Miguel Correia, militante que à organização operária tem dado o melhor do seu esforço e inteligência, especialmente para o engrandecimento e prestígio dos Ferrovários do Sul e Sueste;

A assembleia resolve: protestar contra a continuação da detenção dos camaradas referidos e enviar a Miguel Correia a sentida manifestação de revolta pela sua prisão, notificando-lhe mais, os sinceros protestos da sua muita consideração e estima».

Julio Luis expôs os esforços empregados pelas comissões junto das entidades oficiais, incitando a assistência a afirmar mais uma vez a sua coesão e energia até ao conseguimento da melhoria de salários, pois embora os ministros da guerra e da marinha tenham reconhecido a justiça das reclamações e prometido por mais duas vezes atendê-las, o certo é que o assunto tem vindo a protestar-se indefinidamente, de modo que o operário mais bem pago ganha 11\$10 diários e a maioria 10\$10.

Generaliza-se depois a discussão sobre as penosas condições pecuniárias e de trabalho dos arsenalistas, tendo usado da palavra entre outros José Lourenço, Manuel Gonçalves, José de Almeida, José Tavares dos Santos, António Alves, Francisco Cordeiro, Carlos Freire e Alberto Baptista, que lamentaram não terem ainda os governantes achado tempo de satisfazer as reclamações em trânsito, apesar das comissões de melhoramentos terem demonstrado numa bem elaborada estatística, que os vencimentos que solicitavam eram apenas 14 vezes mais do que os de 1914, ao passo que o custo da vida tinha subido, desde a mesma data, mais de 30 vezes.

Por proposta de Joaquim Ferreira, é aprovado telegrafar-se aos ministros da Guerra, Marinha e Finanças fazendo-lhes sentir o descontentamento da classe por ainda não terem atendido as suas justas pretensões.

Em seguida é aprovada a seguinte moção de Manuel Tomás Marques: «Considerando que, das declarações feitas pelas comissões de melhoramentos, se deduz que, muito embora as nossas reclamações não tenham ainda sido solucionadas, como seria seu desejo e das classes que representam, tem no entanto, até à data, encontrado boa vontade da parte dos ministros respectivamente em resolver o assunto, ao que se tem anteposto a questão financeira que, presentemente, preocupa o governo;

«Considerando também que se reconhece que qualquer atitude anormal, levada a efeito presentemente pelo pessoal dos dois estabelecimentos, seria imprudente, por ir até certo ponto modificar a atitude que da parte dos ministros se tem manifestado;

Mas, considerando ainda que só agora o governo declara não ter numerário para atender as suas necessidades, quando se trata dos arsenalistas, facto que não se constatou com o funcionalismo civil e militar;

O pessoal, aqui reunido em assembleia magna, resolve:

1.º Confiar no prosseguimento das «démarches» a efectuar pelas comissões de melhoramentos e corpos gerentes dos dois sindicatos;

2.º Conservar-se em sessão permanente nos respectivos sindicatos, estabelecendo-se o mais estreito entendimento entre os seus corpos gerentes, até que as reclamações sejam atendidas ou os mesmos corpos gerentes indiquem qual a atitude que as classes devem tomar.»

Por último aprovou-se um agradeci-

Teatro São Luís

HOJE - repete-se - HOJE

a graciosa e encantadora mágica em 3 actos e 16 quadros

O GATO PRETO

Classe que reclamam

O PESSOAL DOS ARSENAIS E DA CORDOARIA

numa imponente assembleia magna, realizada no domingo para tratar das suas reclamações em trânsito deliberou conservar-se em sessão permanente

Como tínhamos noticiado, reuniram antecorreu no teatro Gil Vicente, em sessão magna, os operários dos Arsenais do Exército e da Marinha e da Cordoaria Nacional, a fim de apreciar as «démarches» das respectivas comissões de melhoramentos sobre melhoria de situação.

Afluência de arsenalistas foi imensa, estando o vasto salão de espectáculos, corredores e escadaria literalmente apinhados, iniciando-se os trabalhos às 11 horas sob a presidência de Luís Rezende, como representante do pessoal do Arsenal do Exército, secretário por José Simões, do Arsenal da Marinha, e Manuel Pôrto, da Cordoaria Nacional.

Usou em primeiro lugar da palavra Abílio Alves, que, em nome das comissões de melhoramentos, relatou os trabalhos realizados para se obter a melhoria de salários, seguindo-se o Armandinho da Silva que apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«O Pessoal dos Arsenais do Exército e Marinha e Fábrica Nacional de Cordoaria, reunidos em assembleia magna para apreciar o estado das reclamações que há mais de 5 meses vem fazendo sobre melhoria de vencimentos, constatando que por parte do governo ou seus mandatários se vem desenvolvendo uma série de perseguições para com alguns elementos da organização operária, o que se prova com os presos de S. Julião da Barra que se encontram detidos há quase 90 dias, contra as prescrições das leis da república; Considerando estas detenças arbitrárias e injustificáveis mormente a do nosso prestimoso camarada Miguel Correia, militante que à organização operária tem dado o melhor do seu esforço e inteligência, especialmente para o engrandecimento e prestígio dos Ferrovários do Sul e Sueste;

A assembleia resolve: protestar contra a continuação da detenção dos camaradas referidos e enviar a Miguel Correia a sentida manifestação de revolta pela sua prisão, notificando-lhe mais, os sinceros protestos da sua muita consideração e estima».

Julio Luis expôs os esforços empregados pelas comissões junto das entidades oficiais, incitando a assistência a afirmar mais uma vez a sua coesão e energia até ao conseguimento da melhoria de salários, pois embora os ministros da guerra e da marinha tenham reconhecido a justiça das reclamações e prometido por mais duas vezes atendê-las, o certo é que o assunto tem vindo a protestar-se indefinidamente, de modo que o operário mais bem pago ganha 11\$10 diários e a maioria 10\$10.

Generaliza-se depois a discussão sobre as penosas condições pecuniárias e de trabalho dos arsenalistas, tendo usado da palavra entre outros José Lourenço, Manuel Gonçalves, José de Almeida, José Tavares dos Santos, António Alves, Francisco Cordeiro, Carlos Freire e Alberto Baptista, que lamentaram não terem ainda os governantes achado tempo de satisfazer as reclamações em trânsito, apesar das comissões de melhoramentos terem demonstrado numa bem elaborada estatística, que os vencimentos que solicitavam eram apenas 14 vezes mais do que os de 1914, ao passo que o custo da vida tinha subido, desde a mesma data, mais de 30 vezes.

Por proposta de Joaquim Ferreira, é aprovado telegrafar-se aos ministros da Guerra, Marinha e Finanças fazendo-lhes sentir o descontentamento da classe por ainda não terem atendido as suas justas pretensões.

Em seguida é aprovada a seguinte moção de Manuel Tomás Marques: «Considerando que, das declarações feitas pelas comissões de melhoramentos, se deduz que, muito embora as nossas reclamações não tenham ainda sido solucionadas, como seria seu desejo e das classes que representam, tem no entanto, até à data, encontrado boa vontade da parte dos ministros respectivamente em resolver o assunto, ao que se tem anteposto a questão financeira que, presentemente, preocupa o governo;

«Considerando também que se reconhece que qualquer atitude anormal, levada a efeito presentemente pelo pessoal dos dois estabelecimentos, seria imprudente, por ir até certo ponto modificar a atitude que da parte dos ministros se tem manifestado;

Mas, considerando ainda que só agora o governo declara não ter numerário para atender as suas necessidades, quando se trata dos arsenalistas, facto que não se constatou com o funcionalismo civil e militar;

O pessoal, aqui reunido em assembleia magna, resolve:

1.º Confiar no prosseguimento das «démarches» a efectuar pelas comissões de melhoramentos e corpos gerentes dos dois sindicatos;

2.º Conservar-se em sessão permanente nos respectivos sindicatos, estabelecendo-se o mais estreito entendimento entre os seus corpos gerentes, até que as reclamações sejam atendidas ou os mesmos corpos gerentes indiquem qual a atitude que as classes devem tomar.»

Por último aprovou-se um agradeci-

Classe que reclamam

O PESSOAL DOS ARSENAIS E DA CORDOARIA

numa imponente assembleia magna, realizada no domingo para tratar das suas reclamações em trânsito deliberou conservar-se em sessão permanente

Como tínhamos noticiado, reuniram antecorreu no teatro Gil Vicente, em sessão magna, os operários dos Arsenais do Exército e da Marinha e da Cordoaria Nacional, a fim de apreciar as «démarches» das respectivas comissões de melhoramentos sobre melhoria de situação.

Afluência de arsenalistas foi imensa, estando o vasto salão de espectáculos, corredores e escadaria literalmente apinhados, iniciando-se os trabalhos às 11 horas sob a presidência de Luís Rezende, como representante do pessoal do Arsenal do Exército, secretário por José Simões, do Arsenal da Marinha, e Manuel Pôrto, da Cordoaria Nacional.

Usou em primeiro lugar da palavra Abílio Alves, que, em nome das comissões de melhoramentos, relatou os trabalhos realizados para se obter a melhoria de salários, seguindo-se o Armandinho da Silva que apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«O Pessoal dos Arsenais do Exército e Marinha e Fábrica Nacional de Cordoaria, reunidos em assembleia magna para apreciar o estado das reclamações que há mais de 5 meses vem fazendo sobre melhoria de vencimentos, constatando que por parte do governo ou seus mandatários se vem desenvolvendo uma série de perseguições para com alguns elementos da organização operária, o que se prova com os presos de S. Julião da Barra que se encontram detidos há quase 90 dias, contra as prescrições das leis da república; Considerando estas detenças arbitrárias e injustificáveis mormente a do nosso prestimoso camarada Miguel Correia, militante que à organização operária tem dado o melhor do seu esforço e inteligência, especialmente para o engrandecimento e prestígio dos Ferrovários do Sul e Sueste;

A assembleia resolve: protestar contra a continuação da detenção dos camaradas referidos e enviar a Miguel Correia a sentida manifestação de revolta pela sua prisão, notificando-lhe mais, os sinceros protestos da sua muita consideração e estima».

Julio Luis expôs os esforços empregados pelas comissões junto das entidades oficiais, incitando a assistência a afirmar mais uma vez a sua coesão e energia até ao conseguimento da melhoria de salários, pois embora os ministros da guerra e da marinha tenham reconhecido a justiça das reclamações e prometido por mais duas vezes atendê-las, o certo é que o assunto tem vindo a protestar-se indefinidamente, de modo que o operário mais bem pago ganha 11\$10 diários e a maioria 10\$10.

Generaliza-se depois a discussão sobre as penosas condições pecuniárias e de trabalho dos arsenalistas, tendo usado da palavra entre outros José Lourenço, Manuel Gonçalves, José de Almeida, José Tavares dos Santos, António Alves, Francisco Cordeiro, Carlos Freire e Alberto Baptista, que lamentaram não terem ainda os governantes achado tempo de satisfazer as reclamações em trânsito, apesar das comissões de melhoramentos terem demonstrado numa bem elaborada estatística, que os vencimentos que solicitavam eram apenas 14 vezes mais do que os de 1914, ao passo que o custo da vida tinha subido, desde a mesma data, mais de 30 vezes.

Por proposta de Joaquim Ferreira, é aprovado telegrafar-se aos ministros da Guerra, Marinha e Finanças fazendo-lhes sentir o descontentamento da classe por ainda não terem atendido as suas justas pretensões.

Em seguida é aprovada a seguinte moção de Manuel Tomás Marques: «Considerando que, das declarações feitas pelas comissões de melhoramentos, se deduz que, muito embora as nossas reclamações não tenham ainda sido solucionadas, como seria seu desejo e das classes que representam, tem no entanto, até à data, encontrado boa vontade da parte dos ministros respectivamente em resolver o assunto, ao que se tem anteposto a questão financeira que, presentemente, preocupa o governo;

«Considerando também que se reconhece que qualquer atitude anormal, levada a efeito presentemente pelo pessoal dos dois estabelecimentos, seria imprudente, por ir até certo ponto modificar a atitude que da parte dos ministros se tem manifestado;

Mas, considerando ainda que só agora o governo declara não ter numerário para atender as suas necessidades, quando se trata dos arsenalistas, facto que não se constatou com o funcionalismo civil e militar;

O pessoal, aqui reunido em assembleia magna, resolve:

1.º Confiar no prosseguimento das «démarches» a efectuar pelas comissões de melhoramentos e corpos gerentes dos dois sindicatos;

2.º Conservar-se em sessão permanente nos respectivos sindicatos, estabelecendo-se o mais estreito entendimento entre os seus corpos gerentes, até que as reclamações sejam atendidas ou os mesmos corpos gerentes indiquem qual a atitude que as classes devem tomar.»

Por último aprovou-se um agradeci-

Classe que reclamam

O PESSOAL DOS ARSENAIS E DA CORDOARIA

num

